4 Tribo Nassauvieae Cass.

Marcelo Monge
Fátima Otavina Souza-Buturi
João Semir
Liliana Katinas

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MONGE, M., SOUZA-BUTURI, F.O., SEMIR, J., and KATINAS, L. Tribo Nassauvieae Cass. In: ROQUE, N. TELES, A.M., and NAKAJIMA, J.N., comp. *A família Asteraceae no Brasil: classificação e diversidade* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 51-55. ISBN: 978-85-232-1999-4.
<https://doi.org/10.7476/9788523219994.0006>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

TRIBO NASSAUVIEAE CASS.

Marcelo Monge

Fátima Otavina Souza-Buturi

João Semir

Liliana Katinas

Cassini (1819) propôs a primeira classificação para a família Asteraceae, na qual descreveu 20 tribos, dentre elas, Nassauvieae Cass. Segundo Cabrera (1977), a tribo já havia sido reconhecida anteriormente como um grupo taxonômico informal por Lagasca (1811), que agrupou todos os gêneros até então conhecidos de Asteraceae com corola bilabiada na “*Ordo Chaenanthophorae*”, representada por 3 seções, das quais “*Sectio I*” era composta por 14 gêneros que, atualmente, pertencem a Nassauvieae. Posteriormente, Bentham (1873) reorganizou a família em 13 tribos, dentre elas, Mutisieae Cass., que foi subdividida em 5 subtribos, nas quais a tribo Nassauvieae foi englobada e transferida como subtribo, denominada Nassauviineae Less. O sistema de classificação de Bentham para a subtribo perdurou por mais de 100 anos (BAKER, 1876, 1884, CRISCI, 1974; CABRERA, 1977) e as primeiras modificações nessa classificação surgiram com os primeiros trabalhos de filogenia da família. Os recentes resultados de Funk e colaboradores (2005, 2009) e Panero e Funk (2002, 2008) evidenciaram o parafiletismo de Mutisieae, reconhecendo 3 clados relacionados à base da árvore filogenética: Onoserideae, Mutisieae e Nassauvieae. Embora esses resultados não alterem a circunscrição de Nassauviineae, a subtribo foi novamente elevada à categoria de tribo e é aceita como tal. Dessa forma, a tribo Nassauvieae, atualmente, é subordinada à subfamília Mutisioideae.

Nassauvieae é composta por 25 gêneros e 315 espécies, apresentando distribuição neotropical (KATINAS et al., 2008), sendo um importante componente florístico nos Andes e Patagônia. (KATINAS et al., 2009; CABRERA, 1971) A maioria das espécies ocorre na América do Sul e algumas na América Central e América do Norte. A tribo é reconhecida pela presença dos capítulos discoides, flores com corola bilabiada e ramos do estilete truncados e penicelados. (BREMER, 1994; CABRERA, 1977; KATINAS et al., 2009)

Descrição

Ervas, subarbustos, arbustos e lianas. **Folhas** alternas ou rosuladas, simples, inteiras, pinatífidas ou pinatissectas, glabras ou com indumento, raramente com projeções espinescentes na margem e lâmina. **Capitulescência** racemiforme, corimbiforme, paniculiforme, raramente em glomérulo, ou capítulo solitário. **Capítulos** homógamos, discoides, raramente radiados ou disciformes, involúcro unisseriado ou multisseriado; receptáculo plano ou convexo, glabro ou com tricomas, paleáceo ou epaleáceo. **Flores** bissexuais, isomorfas, raramente dimorfas, corola bilabiada, lobo adaxial trilobado, lobos abaxiais solitários ou bilobados, revolutos (Figura 1M) ou eretos, raramente com corola tubulosa; **anteras** caudadas, apêndice apical obtuso ou agudo, cauda linear, glabro ou papiloso; **estilete** com ramos truncados, penicelados, raramente dorsalmente papilosos. **Cipselas** cilíndricas, obovoides, obcônicas, turbinadas, elipsoides, truncadas ou rostradas, com ou sem estrias, glabras ou com indumento; **pápus** unisseriado ou plurisseriado, cerdoso (Figura 1N), plumoso, paleáceo, ou raramente ausente.

No Brasil, Nassauvieae está representada por 7 gêneros e 37 espécies com distribuição extra-amazônica. (BFG, 2015) *Cephalopappus* Nees & Mart. é um gênero monoespecífico e endêmico da floresta atlântica, ocorrendo no Nordeste e Sudeste; *Criscia* Katinas também é um gênero monoespecífico e ocorre no pampa, no estado do Rio Grande do Sul no Brasil, Argentina e Uruguai. (KATINAS, 1994) *Holocheilus* Cass. e *Panphalea* Lag. são gêneros sul-americanos restritos ao cone sul. *Holocheilus* está representado no Brasil por 6 espécies, dentre as quais 2 são endêmicas (Figura 3B). *Panphalea* possui 9

espécies, e 3 delas são endêmicas do Brasil. Ambos os gêneros ocorrem em áreas úmidas da floresta atlântica e pampa; *Jungia* L.f. é um gênero americano e possui 2 espécies no Brasil, que ocorrem em áreas úmidas nas regiões centro-sul do país; *Perezia* Lag. (KATINAS, 2012) é um gênero sul-americano e, no Brasil, ocorrem 4 espécies e 2 subespécies, em áreas úmidas de campos de altitude da floresta atlântica (Figura 3C); *Trixis* P. Browne é um gênero neotropical que possui 15 espécies no Brasil, das quais 7 são endêmicas (KATINAS, 1996), sendo o gênero de Nassauvieae que apresenta a distribuição mais ampla no país (Figuras 3D-E).

Chave de identificação para os gêneros de Nassauvieae no Brasil

1. Pápus ausente 2
- 1'. Pápus presente 3
2. Lâmina foliar 4-11 cm larg., nunca pinatisssecta; brácteas involucrais agudas; estigma arredondado, com tricomas nos ramos; cipsela suavemente rostrada no ápice *Cephalopappus*
- 2'. Lâmina foliar 1-4 cm larg., as mais largas pinatisssectas; brácteas involucrais apiculadas; estigma truncado, tricomas coletores no ápice; cipsela cilíndrica ou obovoide, truncada no ápice *Panphalea*
3. Lâmina foliar palmada; receptáculo paleáceo; pápus plumoso *Jungia*
- 3'. Lâmina foliar não palmada; receptáculo epaleáceo; pápus cerdoso (Figura 1N) 4
4. Receptáculo glabro *Holocheilus*
- 4'. Receptáculo piloso (Figura 1L)..... 5
5. Brácteas involucrais com ápice mucronado, margem hialina; corola lilás, rósea ou alva..... *Perezia*
- 5'. Brácteas involucrais com ápice agudo a arredondado, nunca mucronado, margem nunca hialina; corola amarela ou alaranjada 6

6. Ervas escaposas; capítulos solitários ou aos pares *Criscia*
 6'. Ervas caulescentes, subarbustos e arbustos; capitulescência com muitos
 capítulos *Trixis*

Literatura Recomendada

- CABRERA, A. L. Asteraceae. In: CORREA, M. N. & CABRERA, A. L. *Flora Patagônica*, Buenos Aires: INTA, 1971, v. 7. p. 1-151.
- CASSINI, H. Suit du Sixième mémoire sur la famille des Synanthérées, contenant les caractères des tribus. *Journal de Physique, de Chimie, d'Histoire Naturelle et des Arts*, Paris, t. 88, p. 150-163, 1819.
- BAKER, J. G. Compositae I. In: MARTIUS, C. P. von; EICHLER, A. W. (Ed.). *Flora Brasiliensis*. Lipsiae: [s.n.], 1876. v. 6, n. 2, p. 1-398.
- BAKER, J. G. Compositae II – Mutisieae. In: MARTIUS, C. P. von; EICHLER, A. W. (Ed.). *Flora Brasiliensis*. Lipsiae: [s.n.], 1884, v. 6, n. 3, p. 339-398.
- BRAZIL FLORA GROUP- BFG. Growing knowledge: an overview of seed plant diversity in Brazil. *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, v. 66, n. 4, p. 1085-1113, 2015.
- CABRERA, A. L. Mutisieae: systematic review. In: HEYWOOD, V. H.; HARBORNE, J. B.; TURNER, B. L. (Ed.). *The Biology and Chemistry of the Compositae*. London: Academic Press, 1977. v. 2. p. 1039-1066.
- CRISCI, J. V. A numerical-taxonomic study of the subtribe Nassauviinae (Compositae, Mutisieae). *Journal of the Arnold Arboretum*, Cambridge, n. 55, p. 568-610, 1974.
- BREMER, K. *Asteraceae: cladistics and classification*. Portland: Timber Press, 1994.
- BENTHAM, G. Compositae. In: BENTHAM, G.; HOOKER, J. D. (Ed.). *Genera Plantarum*. London: Reeve, 1873, v. 2, n. 1, p. 163-533,

FUNK, V. A. et al. Compositae metatrees: the next generation. In: FUNK, V. A. et al. (Ed.). *Systematics, Evolution and Biogeography of Compositae*. Vienna: IAPT, 2009. Chap. 44, p. 747-777.

FUNK, V. A. et al. Everywhere but Antarctica: using a supertree to understand the diversity and distribution of the Compositae. *Biologiske Skrifter*, Copenhagen, n. 55, p. 343-374, 2005.

KATINAS, L. et al. Mutisieae *sensu stricto* (Mutisioideae *sensu strito*). In: FUNK, V. A. et al. (Ed.). *Systematics, Evolution, and Biogeography of Compositae*. Vienna, Austria: International Association for Plant Taxonomy, 2009. p. 229-248.

KATINAS, L. Un nuevo género de Nassauviinae (Asteraceae, Mutisieae) y sus relaciones cladísticas con los géneros afines de la subtribu. *Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica*, La Plata, n. 30, p. 59-70, 1994.

KATINAS, L. Revisión del género *Perezia* (Asteraceae). *Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica*, La Plata, n. 47, p. 159-261, 2012.

KATINAS, L. Revisión de las especies sudamericanas del género *Trixis* (Asteraceae, Mutisieae). *Darwiniana*, Buenos Aires, n. 34, p. 27-108, 1996.

KATINAS, L. et al. The subfamily Mutisioideae (Asteraceae). *The Botanical Review*, Bronx, n. 74, p. 469-716, 2008.

LAGASCA, M. Dissertación sobre un orden nuevo de plantas de la clase de las compuestas. In: LAGASCA, M. *Amenidades Naturales de les Españas*. [S.l.: s.n.], 1811. n. 1, p. 26-44.

PANERO, J. L.; FUNK, V. A. Toward a phylogenetic subfamilial classification for the Compositae (Asteraceae). *Proceedings of the Biological Society of Washington*, Washington, v. 115, n. 4, p. 909-922, 2002.

PANERO, J. L.; FUNK, V. A. The value of sampling anomalous taxa in phylogenetic studies: major clades of the Compositae revealed. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, Orlando, v. 47, n. 2, p. 757-782, 2008.